

DISLEXIA E SEUS IMPACTOS NA VIDA ESCOLAR E SOCIAL

Vanessa Angélica Reckziegel,¹

Deise Stein²

Resumo: A dislexia é uma das maiores dificuldades encontradas em meio a vida de um ser humano, muitas vezes acompanha o indivíduo desde seu nascimento até a vida adulta. Esse artigo irá discutir sobre o diagnóstico da mesma e quais suas principais características. O objetivo é abordar os prejuízos emocionais, sociais e escolares que a dislexia pode trazer. O trabalho é de cunho bibliográfico, buscando encontrar nos teóricos respostas sobre as alterações que esse transtorno pode trazer para o desenvolvimento do ser humano, suas causas e possíveis tratamentos que podem auxiliar o indivíduo a conviver com a dislexia e suas consequências. Será abordado de forma especial os impactos que a dislexia causa na vida escolar e social das pessoas.

Palavras – chave: Dislexia; Diagnóstico; Escolarização; Impactos

Abstract: Dyslexia is one of the major difficulties encountered in the midst of life of a human being, often accompanies the individual from birth to adulthood. This article will discuss the diagnosis of it and what its main features. The goal is to address the emotional, social and school losses that dyslexia can bring. The work is a bibliographical nature, seeking to find the theoretical answers about the changes that this disorder can bring to the development of human beings, their causes and possible treatments that can help the individual to live with dyslexia and its consequences. It will be addressed in a special way the impacts that cause dyslexia in school and social life of the people.

Key - words: Dyslexia; Diagnosis; Education; Impacts

1 INTRODUÇÃO

Esse artigo tem como finalidade, discutir acerca das principais características apresentadas pelas pessoas disléxicas tanto na vida infantil como adulta, e, quais os seus impactos nas diferentes esferas da vida.

A dislexia é um distúrbio genético e neurobiológico que acaba por inibir o processo de entendimento das letras, e que, pode, em alguns casos, comprometer a escrita. É importante destacar que a dislexia não tem relação com preguiça, falta de atenção ou ainda má alfabetização. Assim, o disléxico possui uma dificuldade maior, em relação as outras pessoas, no processo de leitura.

Cabe destacar que esse transtorno é detectado muitas vezes na escola a partir dos 7 anos, momento este em que a criança começa sua vida na leitura e interpretação de palavras. Quando a dislexia é apenas percebida na vida adulta, acredita-se que possa ter

¹ Acadêmica do 6º semestre do curso de Pedagogia da FAI Faculdades de Itapiranga. E-mail: vanessareckziegel@outlook.com

² Psicóloga e Professora do curso de pedagogia da FAI Faculdades de Itapiranga. E-mail: deise.stein@seifai.edu.br

sido negligenciada tanto pelos pais como professores. Nestes casos muitas vezes o transtorno é entendido como um sinal de preguiça ou falta de interesse em aprender.

Para Condemarin, Blomquist (1986, p.21)

O termo dislexia é aplicável a uma situação na qual a criança é incapaz de ler com a mesma facilidade com a qual leem seus iguais, apesar de possuir uma inteligência normal, saúde e órgãos sensoriais intactos, liberdade emocional, motivação e incentivos normais, bem como instrução adequada.

Contudo, destaca-se que a pessoa disléxica tem características físicas normais, não é considerada deficiente e possui um QI normal. Esses fatores muitas vezes levam a uma maior dificuldade em chegar ao correto diagnóstico.

2 SIGNIFICANDO A DISLEXIA

O termo dislexia denota da dificuldade em ler e escrever, sendo assim, é considerado um transtorno de aprendizagem, uma vez que precisa de um tratamento especial para que haja desenvolvimento cognitivo. “A dislexia é frequentemente acompanhada de transtornos na aprendizagem da escrita, ortografia, gramática e redação.” (CONDEMARIN, BLOMQUIST, 1986, p.21). Assim, “a causa para esse distúrbio na leitura é causada por um defeito congênito no cérebro, afetando a memória visual de letras e palavras.” (ROTTA, 2006)

Mesmo que não seja um número considerável de pessoas afetadas com esse transtorno, ainda é a maior dificuldade encontrada na leitura e na escrita. “Uma das causas mais conhecidas, ainda que nem sempre a mais frequente, de dificuldades para a aprendizagem de leitura e da escrita é a dislexia específica.” (CONDEMARIN, BLOMQUIST, 1986, p.16).

Nos casos de dislexia os fatores emocionais devem ser considerados de forma significativa, uma vez que já se sabe que estes fatores podem prejudicar diversas esferas da vida das pessoas, mas, de forma especial a vida escolar. Para Condemarin, Blomquist (1986, p.18) “aprender significa desenvolver-se e crescer, e as crianças com problemas emocionais severos tendem comumente a refugiar-se num estado regressivo infantil.”

O professor deve ficar atento quando a criança apresentar dificuldade como não saber elaborar palavras, frases ou textos, quando está habilidade é esperada para a sua idade, como também não consegue identificar símbolos.

Em alguns casos pais e professores acabam acreditando que essa dificuldade é apenas uma fase que a criança passa, e a denominam fracasso escolar, desinteresse ou ainda preguiça. Estes comportamentos fazem com que a criança se sinta reprimida e acabe desistindo de aprender.

Nesse caso, o que se percebe é que

Nem todas as crianças atingem um nível de maturidade para leitura numa mesma idade cronológica, tal como o ato de caminhar, a criança só poderá fazê-lo quando tiver atingido um nível de maturidade suficiente. Caso a criança tenha sido iniciada precocemente na aprendizagem, o provável fracasso pode determinar um rechaço ou uma atitude negativa com relação à leitura. (CONDEMARIN, BLOMQUIST, 1986, p.17)

Esse distúrbio específico da aprendizagem denominado dislexia ocorre principalmente com os meninos. Sendo que atinge crianças que tem inteligência normal, uma vez que não está ligado a inteligência. Tem origem neurológica, congênita e hereditário, podendo passar de geração para geração. Nesses casos “a dificuldade para captar o significado dos símbolos gráficos frequentemente é confundida com a incapacidade para aprender.” (CONDEMARIN, BLOMQUIST, 1986, p.16).

É importante considerar ainda que por não se tratar de uma doença, não é possível se considerar a cura da dislexia. Desta forma, seus sintomas são persistentes e acompanham a pessoa ao longo de sua vida. Por este motivo é que o tratamento se faz necessário, a medida em que ajuda o indivíduo a conviver com os sintomas bem como a contornar as dificuldades impostas.

Neste sentido é necessário considerar que “o processo de leitura varia de indivíduo para indivíduo, dependendo de fatores como idade, maturação, sexo, hereditariedade, tipo de língua, instrução, prática e motivação”. (ROTTA, 2006, p.153)

Nesse sentido, o que se nota é que

Geralmente os alunos disléxicos apresentam, concomitantemente, problemas emocionais. Entretanto, em sua grande maioria, estes aparecem como consequência de sua dislexia. Consciente de suas possibilidades intelectuais, o disléxico sofre em função de seu mau rendimento escolar, e diante de seus repetidos fracassos “retira-se” da competição, tornando-se uma criança deprimida. (CONDEMARIN, BLOMQUIST, 1986, p.18)

Assim, a aquisição da leitura e da escrita para disléxicos, se realizada da forma convencional, como é realizada nas escolas poderá provocar intensas frustrações, pois, não irá corresponder as suas expectativas nem as expectativas da família. Essa frustração

poderá desencadear no disléxico sentimentos de angústia, ansiedade e insegurança, o que irá prejudica-lo muito emocionalmente e assim prejudicará o tratamento.

Certamente um bom relacionamento entre professor e aluno facilitará muito o processo de aprendizagem para que se consiga amenizar as dificuldades na leitura e escrita. Para isso “uma boa relação afetiva entre o reeducador da leitura e a criança é de significativa importância para a recuperação das dificuldades na leitura”. (CONDEMARIN, BLOMQUIST, 1986, p.59)

Entende-se que a leitura e a compreensão das palavras variam muito, levando em consideração a idade, por isso pede-se uma atenção maior quando se trata de crianças a partir dos sete anos as quais já deveriam compreender as letras e formar palavras com as mesmas. Rotta (2006, p.153) afirmam que “deficiências no processo fonológico, que são fatores indicadores de futuras dificuldades na leitura e escrita, podem ser identificadas no jardim da infância e na 1º série”. (ROTTA, 2006, p.153)

A dislexia, nada mais é do que a falta de entendimento da leitura e escrita, encontrada em crianças podendo levar consigo para a vida adulta quando não avaliada e diagnosticada corretamente podendo levar a pessoa a desenvolver quadros de depressão ou ainda de agressividade.

Para fins pedagógicos,

Dividiram a dislexia em auditiva e visual, com finalidades educacionais. Na dislexia auditiva, são observadas dificuldades significativas na discriminação de sons de letras e palavras compostas, além de falhas na memorização de padrões de sons, sequências, palavras compostas, instruções e histórias. Na dislexia visual, há dificuldades em seguir e reter as sequências visuais, na análise e integração visual de quebra-cabeças ou em tarefas similares. (ROTTA, 2006, p.153)

Uma pessoa que apresenta dislexia tem uma dificuldade aparentemente enorme em relação com leituras e palavras.

Assim visto que a aprendizagem da leitura e da escrita depende estreitamente das capacidades de linguagem oral da criança, não é surpreendente constatar que os transtornos de comunicação ou seus sintomas geralmente precedem as dificuldades de aprendizagem. (DUMAS, 2011, p. 194)

A leitura é uma forma complexa de aprendizagem simbólica, na qual mudanças relativamente triviais em uma palavra podem alterar completamente sua pronúncia e significado. (ROTTA, 2006, p.152)

Atualmente, observa-se um fenômeno de “vulgarização” do termo dislexia, devido a uma não-uniformização nos critérios de abrangência termo, o que gera uma confusão tanto no meio acadêmico quanto clínico. Em consequência, há um reflexo na forma como as informações são veiculadas no meio científico e de comunicação social. (ROTTA, 2006, p.165)

É importante destacar ainda que com um nível de esforço, após algumas técnicas terapêuticas alguns disléxicos chegam a dominar as habilidades de leitura e escrita. Contudo, aprender uma segunda língua, provavelmente trará muitas dificuldades.

Desta forma, se faz necessário um tratamento adequado desde muito precocemente, pois, caso contrário os disléxicos poderão ser excluídos de trabalhos que exijam rendimento acadêmico ou habilidades de leitura e escrita mais complexas.

3 DIAGNÓSTICOS, TRATAMENTOS E CARACTERÍSTICAS DA DISLEXIA

É comum que a dislexia seja diagnosticada através de queixas recorrentes de fracasso escolar. Ou ainda, quando os professores e/ou pais percebem que ao invés de leitura a criança realiza adivinhações das palavras, ou então a criança acaba omitindo, trocando ou invertendo as letras.

Assim, “Na maioria das vezes ainda não se tem elementos para fazer o diagnóstico de dislexia, pois essa pode ser também a maneira como se apresenta um certo atraso na aquisição da leitura e/ou escrita. (ROTTA, 2006, p.159)

Para se ter um diagnóstico, perguntas a respeito do desenvolvimento oral também são fundamentais, uma vez que está claro o papel da disfasia de evolução na gênese da dislexia. (ROTTA, 2006, p.160)

Ao lado das queixas específicas para ler e escrever, muitas vezes toma um vulto maior a repercussão comportamental que esses fracassos produzem na criança em idade escolar. Muitas vezes as queixas de ansiedade, agressividade, depressão, ou hiperatividade e desatenção, inclusive, são predominantes durante a primeira consulta. Junto com essas queixas, frequentemente está imbutido o medo que os pais carregam de que o filho tenha algum grau de deficiência mental. (ROTTA, 2006, p.160-161)

O exame realizado para comprovar o laudo da dislexia, acontece pela observação da audição e da visão, se o indivíduo apresentar quaisquer alterações deve ser encaminhado aos especialistas. (ROTTA, 2006)

Embora o diagnóstico da dislexia seja clínico neurológico, psicopedagógico e fonoaudiológico, muitas vezes é necessário lançar mão de exames complementares para, como o nome diz, complementar informações ou observar comorbidades. Entre esses exames estão os estudos neurofisiológicos como eletroencefalograma; potenciais evocados de longa latência auditivos e visuais; e testes psicológicos que contemplem os aspectos cognitivos e afetivos. (ROTTA, 2006, p.162)

A dislexia, com o passar dos anos, pode ser amenizada, mas para que funcione de maneira esperada é fundamental que o profissional tenha uma parceria afetiva com a criança. O tratamento está centrado na reeducação da linguagem escrita, abordando todos os seus aspectos. (ROTTA, 2006, p. 162)

No entanto, quando se trata de dislexia, é necessário entender que as diferenças são pessoais, o diagnóstico é clínico e o tratamento é educacional, se fazendo necessária uma abordagem multiprofissional.

Sobre o diagnóstico é importante destacar ainda que,

Tanto o diagnóstico como o tratamento podem ter características multidisciplinares, principalmente interdisciplinares, porque só dessa forma poderão ser abordados, no momento certo, cada um dos aspectos de um todo, que deve ser encarado de maneira uniforme. (ROTTA, 2006, p. 162)

Rotta conclui ainda que a dislexia:

É um transtorno específico das operações implicadas no reconhecimento das palavras (precisão e rapidez) que compromete, em maior ou menor grau, a compreensão da leitura, é um problema persistente até a vida adulta, afeta um subconjunto, claramente minoritário, dos alunos com problemas na aprendizagem da leitura e da escrita, está presente desde os primeiros anos de escolaridade, é um distúrbio com evidências genéticas que surge por estar associado a diferenças funcionais no hemisfério esquerdo, é diagnosticada em indivíduos com capacidade intelectual normal, ocorre em sujeitos que têm visão e audição normal ou corrigida e que não são portadores de problemas psíquicos ou neurológicos graves que possam justificar, por si só, as dificuldades escolares, pode estar presente mesmo em indivíduos que tiveram escolarização adequada, supõe, como déficit primário, inabilidades do processamento fonológico e da memória, representa em uma linha de desempenho quantitativo para a leitura, requer um tratamento que envolve um processo lento, necessita de uma equipe multidisciplinar para seu diagnóstico e tratamento. (2006, p. 167 e 168)

Contudo, podemos analisar que:

Considerando a dislexia um transtorno linguístico e a sua característica de persistência dos problemas da infância a vida adulta, é possível que se descrevam manifestações nas diferentes fases, traçando o caminho (ou descaminho) do desenvolvimento da linguagem. (ROTTA, 2006, p. 170-171)

Ao analisar as políticas de educação, os disléxicos acabam se enquadrando no que a lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional descreve como portadores de necessidades especiais. Além disso, a escola necessita entender melhor o quadro e organizar adaptações que façam justiça às necessidades do disléxico, não o discriminando mas sim promovendo a sua autoestima. (ROTTA, 2006, p.178)

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir das reflexões propostas, entende-se que a escola, quando não preparada para receber o aluno disléxico pode se tornar em um dos maiores estressores externos, uma vez a escola proporciona o encontro destes com alunos que não possuem nenhuma dificuldade de leitura e escrita. A partir deste encontro a reação da criança disléxica pode ser de silenciamento da sua dificuldade o que pode levar a casos de depressão e ansiedade, ou ainda levar a criança a desenvolver comportamentos agressivos uma vez que não consegue acompanhar os demais colegas.

Neste sentido, mudança de professor ou de escola também pode ser considerados eventos frustrantes para crianças com dislexia a medida em que terão que enfrentar mudanças novas que impactarão emocionalmente. Já no ambiente social, brincadeiras ou atividades que envolvam leitura e escrita poderão ser entendidos como eventos estressantes.

Contudo, sabe-se que a pessoa disléxica terá que aprender a conviver com os sintomas durante toda a sua vida, uma vez que os mesmos não podem ser sanados. Assim, por se tratar de uma dificuldade contínua a pessoa com dislexia necessita desenvolver estratégias educacionais que possa utilizar nos diferentes ambientes pelos quais transita de forma a favorecer a sua adaptação.

Por fim destaca-se a necessidade de a dislexia ser mais estudada principalmente no que se refere aos seus estressores internos e externos, bem como às formas de conviver com a mesma.

REFERÊNCIAS

CONDEMARIN, Mabel, BLOMQUIST, Marlys. **Dislexia**: manual de leitura corretiva. Tradução: Ana Maria Netto Machado. – Porto Alegre: Artes Médicas, 1986.

DUMAS, Jean E. **Psicopatologia da infância e da adolescência.** Tradução: Fátima Murad; 3 ed – Porto Alegre: Artmed, 2011.

ROTTA, Newra Tellechea, et al. **Transtornos da aprendizagem:** Abordagem neurobiológica e multidisciplinar. Porto Alegre: Artmed, 2006.